

ENTREVISTA/PAULO FREIRE

'Defendo a escola que privilegie a curiosidade'

O educador mais importante do país diz por que a escola reprova tanto

ANA SANCHEZ
Especial para o Diário

Paulo Freire tem 73 anos de idade e o olhar esperançoso de um garoto de 17, mesmo quando é chamado a falar da má qualidade da escola brasileira das últimas décadas e dos altos índices de reprovação das crianças e jovens, alguns dos assuntos desta entrevista. "Sei que não vou necessariamente encontrar o que quero, mas vou produzir o encontro. Não posso procurar sem esperança e só é possível esperança na procura realizada na luta", diz ele. Paulo Freire continua produzindo livros

e viajando pelo país para falar a educadores e defender uma escola que privilegie a curiosidade. "Quero usar minha curiosidade e minhas dúvidas para poder saber, e saber para mudar o mundo", diz. O papel do professor nesse tipo de escola, na opinião dele, é "refazer o conhecimento que já tem e possibilitar a produção de um conhecimento que o aluno ainda não tem". Para o mais renomado educador brasileiro, "é incompreensível o descaso dos homens públicos do país para com os professores diante do fato de que nenhum presidente da República deixou jamais de passar pela mão de um professor"

Diário — Para que serve a escola hoje?

Paulo Freire — Se você perguntar a qualquer pai, ele responderá que a escola serve para ensinar meus filhos, e essa é uma finalidade indiscutível da escola. Mas o que é ensinar? Não é apenas treinar o menino no domínio de certas técnicas, nem se esgota no ato de depositar conhecimento na cabeça dele. Ensinar não é puramente transmitir conhecimentos. Pelo contrário, implica produzir conhecimentos por parte do aluno que está aprendendo e criando conhecimento. Ensinar conhecimento, portanto, implica em recriar conhecimento. A tarefa do professor é refazer o conhecimento que já tem e possibilitar a produção de um conhecimento que o aluno ainda não tem. Assim, percebemos a importância fantástica que o professor tem.

Diário — Fala-se muito, atualmente, que a escola deve se preocupar em formar o trabalhador que o futuro e a revolução tecnológica começam a exigir. Qual é a sua opinião a respeito?

Paulo Freire — Em primeiro lugar, quando se diz que a escola deve formar o trabalhador do futuro, precisaríamos perguntar que trabalhador é esse, de que tipo de saber — considerando as revoluções tecnológicas permanentes — ele precisará, em que tipo de sociedade estará vivendo. Qual será o papel da curiosidade nesse trabalho do futuro? Às vezes, ao lado dessa indagação, há uma preocupação muito maior com o produto que com o processo. Fala-se da qualidade da educação como se o educando fosse um carro Fiat, não um ser humano.

Diário — Essa preocupação pode levar à formulação equivocada de uma educação de qualidade?

Paulo Freire — O que se vê cada vez mais hoje na educação — uma vez que as classes sociais desapareceram (embora eu não endosse isso), uma vez que os conflitos sociais, conseqüentemente, desapareceram, uma vez que as ideologias acabaram — é a despolitização da educação. E co-

mo a educação não tem mais que desvelar nenhuma verdade oculta, não tem mais que girar em torno de sonhos e ideologias, ela se torna nada mais que o treino técnico e científico do educando. É como se fosse possível dizer, por exemplo, acabe com essa mania de desassossegar o educando, discutindo com ele as razões da dor social — as razões que possam explicar por que 33 milhões vão morrer de fome e você e eu vamos continuar aqui. Eu bato o pé, com meus 73 anos de idade e não aceito que a educação seja isso. Quero usar minha curiosidade e minhas dúvidas para poder saber, e saber para mudar o mundo.

“As crianças não se evadem da escola, é a escola que as expulsa”

FRF-ORF-07-041 ©